

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro
Estudo 7 - "O Chamamento ao Perdão"
Amós 4 a 6

Elaborado por Ana Maria Suman Gomes
anasuman@centroin.com.br

Neste segundo encontro com Amós, o profeta trabalhador que representou a voz de Deus diante da sociedade do Reino do Norte durante o reinado de Jeroboão II, estamos diante de um lamento apresentado na forma de apelo dramático para que houvesse arrependimento. Vale dizer, logo de início, que a melhor forma de compreender Amós é iniciar o estudo do livro pelo relato das visões, objeto do nosso próximo encontro. Muito do que será destacado aqui, então, é fruto da leitura dessas visões, que clarificam a denúncia com a qual nos defrontamos nestes três capítulos.

Caracterizamos, no último encontro, o momento político que o Reino do Norte vivia, principalmente com os desmandos que aconteciam mas que não eram considerados elementos para a caracterização de um mau governo. Para ampliar o território e garantir a tributação em dia, os explorados eram os trabalhadores agrícolas que, em troca de cereais, de saúde e de roupa, escravizavam os filhos e filhas e ainda a si mesmos, em último caso. Para a corte com sua numerosa população, isto era irrelevante.

O capítulo 4 continua a enumerar os ditos de Amós, agora se constituindo na parte central do livro. Esses ditos, coletados inclusive em diferentes momentos da vida do profeta, constituem-se, ao que tudo indica, em uma coletânea de clamores que o profeta havia ouvido e que, agora na qualidade de comissionado por Deus, vinham à tona para formar uma espécie de panfleto, coleção.

O primeiro bloco a ser visto hoje é composto pelos 13 versículos iniciais do capítulo 4. O início é assustador: "ouçam esta palavra, vocês, vacas de Basã que estão no monte de Samaria, vocês que oprimem os pobres e esmagam os necessitados e dizem aos senhores deles: 'tragam bebidas e vamos beber!'" (Amós 4.1). O apelo era para as mulheres de Samaria que suplicassem que seus maridos trouxessem mais bebida. Para atendê-las, era necessário exigir mais produção do campo, mais trabalho daquele que não tinha condições de fazer nada mais.

O Dr. Milton Schwantes, descreve esta situação dizendo que "chocante é o sarcasmo de Amós contra as finas damas da capital da Samaria (4,1-3). Esta ameaça às 'vacas de Basã' está situada no contexto de outras dirigidas a pessoas que vivem em meio ao luxo, às festas e às mordomias. O profeta situa-as preferencialmente no centro do poder, em Samaria, e entre os governantes (cf. 3, 12, 13-15; 5,11; 6,1-7, 8, 11)."¹

Não somente as damas foram objeto de tal sarcasmo. A leitura atenta dos versículos evidenciará, igualmente, o que se passava nos ambientes destinados ao culto e que serviam, apenas, para fomentar mais e mais riqueza na corte, em detrimento do empobrecimento de muitos. As ameaças que Amós trazia eram sérias e deveriam, por si sós, ter provocado a mudança de comportamento o que não aconteceu, porque sabemos, já a partir dos estudos que fizemos em

Oséias, que o Reino do Norte foi destruído pelos assírios.

Há um outro bloco bem definido e que pode ser encontrado no capítulo 6: "ai de vocês que vivem tranquilos em Sião, e que se sentem seguros no monte de Samaria; vocês, homens notáveis da primeira entre as nações, as quais o povo de Israel recorre. Vocês bebem vinho em grandes taças e se ungem com os mais finos óleos, mas não se entristecem com a ruína de José. Por isso vocês estarão entre os primeiros a ir para o exílio; cessarão os banquetes dos que vivem no ócio." (Am 6, 1 e 6-7).

Aqui encontramos os ricos que "esbanjam luxo e confiam em suas riquezas, fruto da espoliação israelita. O tema central de Amós é o fim de Israel, porque os ricos oprimem os pobres, os poderosos deturpam a justiça e o direito, subornam os juizes nos tribunais e cometem muitas outras barbaridades. E ainda por cima vão aos santuários e ali oferecem custosos sacrifícios e participam de grandes celebrações, ocultando a opressão que se comete sistematicamente."ⁱⁱ

Amós chama a atenção dos envolvidos para a chegada do chamado "Dia de Javé", expressão muito comum no vocabulário do povo israelita e que poderia ter a conotação de alegria, dentro do pano de fundo do messianismo, mas que, para Amós, seria o dia quando o Senhor Deus viria para prestar contas com o povo rebelde.ⁱⁱⁱ

O "dia de Javé" será terrível, diz Amós. O texto foi registrado no capítulo 5, a partir do versículo 18. Ele tem início com o tradicional "Ai", alocução que era comum nos rituais fúnebres. Ao ouvir um "ai", a associação era com a morte. "Ai de vocês que anseiam pelo dia do Senhor! O que

pensam vocês do dia do Senhor? Será dia de trevas, não de luz. Será como se um homem fugisse de um leão e encontrasse um urso; como alguém que entrasse em sua casa e, encostando a mão na parede, fosse picado por uma serpente." (Amós 5, 18 e 19).

Amós, em dias quando o povo aparentemente não enfrentava qualquer ameaça externa, quis mostrar que não havia aquela segurança na qual acreditavam, porque Deus viria punir aquela situação e o faria em um dia que seria de escuridão e de trevas para Israel. Na profecia de Amós, o dia de Javé será dia de desgraça e de morte. Esse dia cuidará de tratar dos que estiveram envolvidos em diferentes situações, todas condenadas por Deus:

- Área social ou jurídica: justiça no portão e comércio (5, 7-17),
- Área religiosa: templos e sacerdotes (5, 18-27),
- Área administrativa: corte em Samaria (6,1-11)

Diante de tudo isso, será que haveria esperança para aqueles ameaçados por Deus? A leitura cuidadosa de Amós vai deixar claro que, para o templo e para o reino (aqui incluídas as instituições e ele vinculadas), não haveria qualquer futuro. Entretanto, há esperanças para pessoas. Sim, Deus lida com pessoas e sempre quer dialogar com elas. As pessoas inseridas nas instituições, se assim o desejassem, teriam a oportunidade de um novo começo, a partir de variáveis opostas. Nisto reside a necessidade de haver sempre o chamamento para que nos aproximemos do perdão de Deus, agora possibilitado pela mediação de Jesus Cristo.

Alguns exemplos podem ser retirados do nosso texto: Amós se preocupa com o enterro de opressores, com os donos da cidade e das terras (5,16-17). Além disso, dentre os opressores ameaçados há aqueles que sobrevivem (fuga do "general" em 2, 14-16). Milton Schwantes diz que as "principais passagens que contam com sobreviventes são as que anunciam deportação: 1,5 e 15; 5,5 e 27; 6,7; 7,11 e 17; 9,9. A partir daí, 5,3 alcança um significado bem especial Nele é profetizado que do exército das cidades só restará a décima parte. Para o exército isto simboliza derrota arrasadora. Mas para que os soldados consigam retornar do campo de batalha, isso acena para uma nova chance de vida. Para um Estado, a décima parte do exército equivale a nada, para as pessoas envolvidas, significa tudo!^{iv}

Por isso, devemos convocar ao perdão. Deus, apesar de o Seu dia provocar devastação, em Jesus ele nos assegura pleno perdão.

ⁱ SCHWANTES, Milton. *Amós-Meditações e Estudos*. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal. 1987 p. 37

ⁱⁱ SILVA, Airton José da. *A Voz Necessária - Encontro com os Profetas do Século VIII aC*. SP: Paulus, 1998, p.60-62.

ⁱⁱⁱ Para conhecer mais sobre "O dia de Javé", entre outros é interessante ler REIMER, Haroldo. *O dia de Javé em Amós*. Em Estudos BÍBLICOS 65. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal 2000 p. 26ss.

^{iv} SCHWANTES, Milton op. cit. p. 46